



FÓRUM TEMÁTICO - A MERCANTILIZAÇÃO DO SUBSTANTIVO

PANOPTICON ACADÊMICO

ACADEMIC PANOPTICON

Wlamir Gonçalves Xavier, Msc.

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

wlamir@uol.com.br

Christiane Kleinubing Godoi, Dra.

Universidade do Vale do Itajaí

chriskg@univali.br

RESUMO

Esse ensaio objetiva caracterizar o sistema acadêmico de publicações em administração no Brasil com base no construto *panopticon*. O conceito de panopticon foi proposto no século XVIII como um modelo arquitetônico para abrigar internos, sejam detentos, enfermos ou alunos e foi reutilizado por Foucault (1975) e Markus (1993) para tipificar contemporâneas formas de dominação. No trabalho é primeiramente analisada a evolução histórica do conceito de *panopticon*, e sua eficácia como mecanismo de dominação; em seguida, busca-se a contextualização crítica do *panopticism* na sociedade contemporânea, discutindo as razões favoráveis e desfavoráveis à manutenção do construto; e, por fim, são tecidas as relações de semelhança entre o *panopticon* e o sistema de publicações acadêmicas em administração no Brasil. O construto proposto é composto de quatro dimensões: a capacidade do sistema observar todos; o fato do observado saber que pode estar sendo monitorado; a onisciência do sistema; e o não-confinamento. Por meio das similaridades, complementaridades e divergências em relação ao construto original, a proposição de um *panopticon* acadêmico permitiu a reflexão crítica sobre a práxis acadêmica de publicação atrelada à lógica de pressão e controle.

Palavras-chave: *panopticon*, monitoramento, controle, sistema de publicações acadêmicas

ABSTRACT

This essay aims to address the management academic publishing system in Brazil through a *panopticon* construct proposed by the authors. The concept of *panopticon* was introduced in the eighteenth century as an architectural model to host interns: criminals, sick people, and students. This concept was later cited by Foucault (1975) and Markus (1993) in order to study contemporary domination structures. The authors initially portray the historical evolution of the panopticon as an ideal model and its role as a means for securing and perpetuating social order. Afterwards, theoretical arguments criticizing the concept of the Panopticon in our society are considered, discussing arguments against and in favor of abandoning the concept. Also, similarities between the management academic publishing system in Brazil and the panopticon are addressed. The authors suggest a four dimension construct: the system observes every person, all are aware of the surveillance, the system is omniscient and the non-confinement. The article discusses similarities, complementarities and deviations from the original construct in order to use the academic *panopticon* construct as a means to explore *institutionalized norms* regarding academic publishing and its role as a power mechanism.

Keywords: Panopticon; surveillance, control, academic publishing system

INTRODUÇÃO

O conceito de *panopticon* foi inicialmente proposto pelo filósofo inglês Jeremy Bentham em 1786, em cartas escritas da Rússia descrevendo uma idéia de cunho arquitetônico desenvolvida por seu irmão Samuel Bentham. Cinco anos mais tarde, já em Londres, foi produzido um documento com o intuito de persuadir o governo britânico a construir uma casa de detenção aplicando esse conceito. Nesse documento foi incluída a figura 1, que foi reproduzida nas obras *Surveiller et Punir* de Michel Foucault, em 1975, e *Buildings and Power*, de Thomas Markus, em 1993.

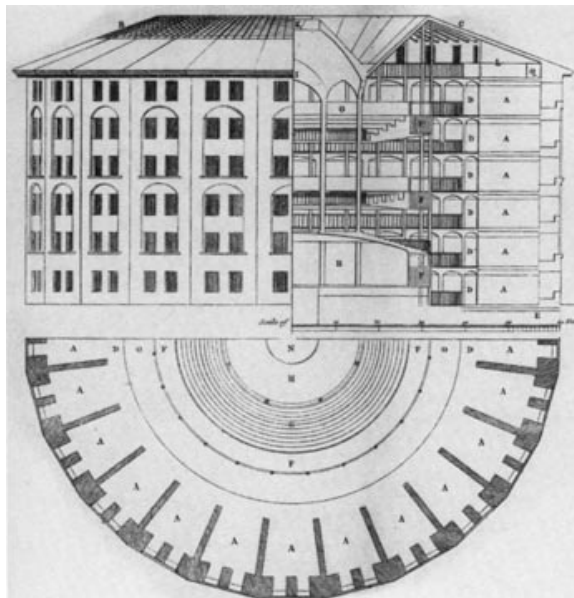


Figura 1 *Panopticon*
Fonte: Bentham (1995)

Panopticon pode ser definido como uma edificação que se caracteriza por apresentar uma área de observação a partir da qual podem ser vistas todas as demais dependências. As pessoas nas áreas observadas, por sua vez, não sabem quando estão sendo efetivamente monitoradas, portanto, agem como se estivessem sob vigilância ininterrupta. Essa estrutura permite que um número reduzido de pessoas controle muitos indivíduos, situação desejável não somente em presídios, mas também em instituições em que o monitoramento constante induza pessoas a alterar seu comportamento.

Etimologicamente o termo significa observar (*opticon*) a todos (*pan*), e seu uso é diverso. Segundo Bentham, a aplicação poderia estar associada a hospitais, prisões, manicômios, reformatórios, escolas e empresas. Em um hospital, por exemplo, foi sugerido que um posto de observação do qual pudessem ser acompanhados todos os pacientes, permitiria que o médico, o boticário e a enfermeira-chefe acompanhassem simultaneamente vários pacientes - um conceito de monitoramento eficaz e benéfico a todos os envolvidos.

Apesar de não ter logrado êxito na construção do seu *panopticon*-prisão na Inglaterra do século XVIII, um *panopticon*-empresa de madeira para 3.000 trabalhadores foi construído na Rússia em 1803. Observou-se a

utilização do conceito em prisões construídas nos Estados Unidos no início do século XIX, sua utilidade reside no fato de que qualquer pessoa, prisioneiro ou guardião, pode ser visto pelo controlador a todo instante, mas tal pessoa não sabe quando está sendo efetivamente observada, gerando uma virtual onisciência do sistema controlador. Com o tempo, esse conceito de monitoramento total se mostrou impraticável operacionalmente devido ao seu custo e foi abandonado. Boyne (2000) aponta a ausência de infra-estrutura social e tecnologia para esse declínio e a disponibilização desses mesmos fatores para o reaparecimento do conceito de forma incisiva nos anos 1970.

O que se objetiva nesse ensaio é a reflexão acerca da possibilidade de surgimento de um novo tipo de *panopticon* contemporâneo, com características ampliadas do *panopticon* original, que denominamos *panopticon* acadêmico. Primeiramente, é analisada a evolução histórica do conceito de *panopticon*, e sua eficácia como mecanismo de dominação; em seguida, busca-se a contextualização crítica do *panopticism* na sociedade contemporânea, discutindo as razões favoráveis e desfavoráveis à manutenção do construto; e, por fim, são tecidas as relações de semelhança entre o *panopticon* e o sistema acadêmico.

UTILITARISMO E OUTRAS MOTIVAÇÕES: EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE *PANOPTICON*

A principal razão da proposição do conceito de *panopticon* está associada ao utilitarismo. A otimização de um recurso escasso, o responsável pelo monitoramento, sem perda da eficácia do processo, justificaria a sua utilização. Setores ligados à gestão pública, como segurança e saúde, em que recursos muitas vezes se apresentam limitados, poderiam ser beneficiados ampliando o bem-estar da população.

No entanto, como descreve Boyne (2000), Gertrude Himmelfarb, em 1965, apresentou uma visão desse conceito que ia além de tal aparente utilitarismo. Essa autora associa o conceito de *panopticon* à degradação moral, e o de total monitoramento, à corrupção. Sua pesquisa revelou que ao invés de prisão modelo e reformatório de custo reduzido ao erário, o intento de Bentham era de obter a concessão para gerir o empreendimento. Os detentos deveriam trabalhar quatorze horas por dia para custear sua estada no *panopticon*-prisão e o alvará de soltura não estaria associado ao fim do cumprimento da sentença, mas ao seu ingresso nas forças armadas. Alternativamente, o interno poderia ser liberado pelo pagamento anual de uma taxa de 50 libras, desde que uma pessoa considerada idônea se responsabilizasse pelo seu bom comportamento em liberdade.

Após frustradas tentativas de ingressar no parlamento inglês, Bentham obteve do governo um terreno pantanoso para a construção da edificação, que mesmo após drenagem se mostrou inadequado para uma construção de porte. O *panopticon* de Jeremy Bentham não chegou a ser construído, mas o conceito desenvolvido por seu irmão Samuel não foi esquecido. Apesar de a ganância pessoal estar na sua gênese, a eficácia do sistema como ente controlador e disciplinador não foi posta em dúvida.

O entendimento de formas de dominação social está presente no trabalho de Michel Foucault a começar pelo ensaio publicado em 1961 *Histoire de La Folie à l'Age Classique*, em que se destaca o encarceramento de loucos em antigos leprosários nos séculos XVII e XVIII pela civilização burguesa ascendente. Foucault observa que a loucura não é agente que produz riqueza, e, portanto, em prisões, loucos

fazem companhia a personalidades não-alinhadas ao sistema dominante, como criminosos, pederastas e vagabundos mendicantes (CHALUMEAU, 1974).

Porém, a análise do *panopticon* como forma de dominação ocorreu em obra posterior de Foucault, no livro *Surveiller et Punir*, de 1975. Foucault trata da dominação não somente em prisões, mas em escolas, hospitais e organizações militares, a partir de um construto formado pela tortura, punição, disciplina e prisão. O *panopticon* é visto como um modelo disciplinar generalizável, ao contrário de outros sistemas, como o de controle de pestilências, muito estudado na Europa da Idade Moderna.

São destacadas por Foucault (1975) três constatações sobre essa estrutura: inicialmente o principal efeito do *panopticon*, que é o de induzir ao interno uma sensação de estar sendo permanentemente monitorado, o que assegura a manutenção do poder. O segundo papel está ligado ao impedimento da formação de grupos não-alinhados ao sistema, o que reforça o poder dominante. Por fim, Foucault afirma que esse modelo se torna um aparato arquitetônico que permite a relação de poder ser vista de forma independente da pessoa que o exerce, algo distinto de grande parte de outros mecanismos de dominação.

No ambiente organizacional a mesma estrutura foi estudada sob o ponto de vista da sociologia por McKinlay e Taylor em 1998. Uma fábrica, com o objetivo de atingir maiores índices de produtividade, utilizou cada trabalhador como observador de seu colega com a obrigação de mensalmente fazer um relatório sobre suas atividades. Inicialmente a fábrica apresentou resultados excepcionais, mas com o tempo a fábrica estabilizou seu desempenho em padrões medíocres. Apesar do modelo se enquadrar em um *panopticon* cultural, a possibilidade de identificação do colega traidor minou o sistema, gerando uma prática do grupo de não revelar à gerência quaisquer situações ou atos que não apresentassem conformidade com os rígidos padrões estabelecidos.

Observa-se a importância da manutenção do fluxo de informações, tanto do meio utilizado quanto do agente que informa. A fidedignidade das informações recebidas, portanto, necessita ser acompanhada do anonimato ou proteção do informante. O avanço tecnológico permitiu ambos, como observamos, por exemplo, na estrutura de *call centers*, em que a necessidade do trabalhador utilizar tanto o telefone como o computador permite que seu ambiente seja controlado ao extremo. O supervisor acessa a qualquer momento a tela do computador e ao áudio de qualquer operador sem o mesmo saber se está sendo monitorado ou não. Esse *panopticon* empresarial agrega uma funcionalidade não prevista pelo seu idealizador: como tudo é gravado, há acesso atemporal ao operador monitorado, o que associado a relatórios gerados automaticamente e outros controles computadorizados, faz com que toda informação seja disponibilizada instantaneamente e de forma precisa. Observam-se, portanto, todos os elementos necessários à dominação. No entanto, o *call center* como estrutura empresarial apresenta problemas organizacionais como absenteísmo, *turnover* e baixa motivação da equipe. Como consequência, pode-se esperar a redução da lucratividade das empresas devido a ineficiências decorrentes. E quando há liberdade (ausência de confinamento) e maior grau de articulação do grupo dominado, o mesmo pode organizar-se para neutralizar os efeitos do dominador.

A internet é uma ferramenta que tem sido objeto de trabalhos sobre novas formas de dominação (BOYNE, 2000; BRIGNALL, 2002), já que a observação óptica foi suplantada pela monitoração eletrônica de forma ampla (BURRELL, 1988), nos moldes do ficcional *Big Brother* de George Orwell (1949). Ferramentas

como o Google Street View, componente do Google Maps e Microsoft Live Labs Photosynth são capazes de criar imagens tridimensionais a partir da composição de fotos de satélites e de usuários. E tudo que é visto, acessado, ou enviado pela internet pode ser monitorado com facilidade, a despeito de programas e procedimentos para evitar vírus, *spyware* e *phishing*. Além disso, os próprios usuários da internet colaboram com a monitoração de outros usuários, a título de segurança, moral ou ética, criando um *panopticon* em que o papel participativo das pessoas monitoradas torna difusa a figura do dominador.

O peculiar a respeito dessa forma de dominação é a ausência do dominador de forma explícita. O anonimato do dominador elimina a possibilidade do dominado contra ele se organizar e rebelar, o que reforça esse tipo de estrutura. Outra forma de resguardar o dominador é encobrir a dominação com o manto da ética ou do bem comum. O receio de ações terroristas fez com na década de 2000 cidadãos de vários países abrissem mão de alguns direitos individuais como a privacidade, a livre locomoção e o sigilo na sua comunicação pessoal. Outro exemplo no qual não se identifica claramente um dominador é evidenciado nos grandes centros urbanos onde proliferam câmaras de vigilância visando à segurança das pessoas. As lentes conectadas ou não à grande rede estão presentes em áreas comuns de edifícios comerciais, em vias públicas, no transporte público e até mesmo no seio de residências.

POST-PANOPTICISM

Duas visões descrevem a evolução desse conceito na sociedade contemporânea, denominada *post-panopticism*. Bauman (1999a; 1999b) e Boyne (2000) estabelecem uma discussão, com posições antagônicas sobre a presença do *panopticon* como tipo ideal. Zygmunt Bauman sugere que o conceito de *post-panopticism* representa o fim dos modelos baseados no *panopticon* nas sociedades ocidentais desenvolvidas do século XXI. São propostas cinco razões principais para este fim: a substituição da punição pela sedução; a substituição do monitoramento pelo auto-monitoramento; a substituição da necessidade do controle por mecanismos preditivos; a suplementação do *panopticon* por um modelo simétrico, o *synopticon*; e a incapacidade do *panopticon* produzir elementos dóceis.

A sedução na sociedade ocidental moderna, exemplificada por mecanismos de consumo, pode representar força maior do que a coercitiva em um ambiente de liberdade, além disso, é movida pelo próprio elemento seduzido. A punição, por sua vez, é limitada aos excluídos ou de restrita aplicabilidade, já que depende de uma ação (ou inação) do sistema dominante. A sedução leva ao segundo argumento, o auto-monitoramento, já que as pessoas, uma vez seduzidas, reforçam o sistema monitorando as atividades umas das outras. Dessa forma não há necessidade do encarceramento nem da exposição da imagem do controlador.

A evolução tecnológica proporcionou o desenvolvimento de eficientes sistemas preditivos, muito utilizados na medicina, e aos poucos empregados em outras áreas de conhecimento, como o cálculo atuarial, em finanças. A simulação associada ao monitoramento pode gerar eficazes efeitos sobre a disciplina ou controle. William Bogard (1996) vislumbra um desenvolvimento científico no futuro próximo a ponto de tornar a

antecipação de eventos mais viável, minimizando ou até mesmo obsoletando a necessidade de punição *a posteriori*, em alguns casos.

A previsibilidade de tais acontecimentos tem como consequência tornar as pessoas mais sociáveis, já que a simulação evita que muitos fatos indesejáveis ocorram ou limita seus efeitos. Uma crítica apontada ao *panopticon* é justamente a sua incapacidade de gerar elementos dóceis, adaptados ao convívio social, já que não promove mudanças em seu comportamento, apenas os encarcera.

Outro argumento de Bauman (1999a; 1999b) sobre o fim do *panopticon* está associado à sua substituição pelo *synopticon*, que representa uma inversão na qual o controlador passa a ser visto de forma direta pelos controlados, o que acarreta em uma limitação do exercício de seu poder. A publicidade dos atos do controlador torna seu comportamento sujeito à crítica geral, e a coletividade pode assumir uma personalidade que confronta tal poder.

O *synopticon* não é recente na nossa sociedade, o teatro grego e o romano Coliseu são exemplos dessa inversão, em que muitos observam poucos. Imprensa, televisão e internet, entre outros meios de comunicação, lançam holofotes sobre alguns elementos da sociedade eliminando sua privacidade e possibilidade de se afastar do que é considerado aceitável pela coletividade. A evolução de ferramentas de comunicação é igualmente vista por Bauman como forma de revelar e limitar a ação do dominador, ao invés de ampliar seu controle. Mathiesen (1997) propõe a ocorrência simultânea do *panopticon* e do *synopticon* em mecanismos como os utilizados na Idade Média na Santa Inquisição e mais recentemente em regimes totalitários, em que monitoramento central contínuo e execuções públicas se complementavam.

Diante de tais argumentos, Boyne (2000) aponta algumas limitações, considerando que em alguns aspectos se observa nas conclusões de Bauman (1999a) uma generalização exacerbada, como se o mundo fosse desprovido de fronteiras e composto exclusivamente de pessoas cosmopolitas, de cultura global.

Ao confrontar tais argumentos que se observam em sistemas de monitoramento atuais, Boyne (2000) sugere que ao invés do desaparecimento do *panopticon*, o que se nota é a sua manutenção como um tipo analítico ideal, com a ressalva de serem necessários ajustes ao seu conceito original para adequá-lo aos nossos dias. No presente artigo é proposta uma adequação ao conceito do *panopticon* agregando novas dimensões e analisando sua aderência a um ambiente específico.

Bruno Latour (2000; 2002) é outro autor também divergente da noção de *panopticon*, como um conceito totalizante, megalomaniaco (por parte do controlador) e paranóico (por parte dos controlados). Ao conceito de *panopticon* – por ele considerado utópico – Latour (2002) opõe o de *oligopticon*, que substitui a onisciência e a vigilância total do primeiro pela possibilidade de ver um pouco, porém muito bem, a todas as coisas. A visão restrita do total permite eficiência ao *oligopticon* em virtude de ser um olhar que segue as redes, as conexões. A partir dessa noção, Latour contribuiu para a construção da teoria de *actor-network*, que modificou as relações de ator e sociedade ao considerar os atores dentro de uma rede de relações abertas, intercambiáveis e em transformação entre pessoas e tecnologia.

PANOPTICON ACADÊMICO: REFLEXÕES SOBRE O SISTEMA DE PUBLICAÇÕES EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL

O sistema de publicações nas ciências sociais aplicadas no Brasil, especificamente na administração, pode ter se tornado alvo de processo de controle análogo ao *panopticon*. Esse sistema sempre dependeu da divulgação e troca de informações entre pesquisadores e instituições para o seu avanço. Com a internet tal troca de informações tornou-se mais eficiente e seu custo irrisório. Bases de dados como a EBSCO ou SAGE oferecem acesso a inúmeros periódicos acadêmicos antes restritos à sua comunidade de participantes, descortinando de forma ampla e instantânea qualquer obra.

O conceito de publicar um trabalho científico, no sentido de tornar acessível ao público, cada vez mais se confunde com o conceito de disponibilizá-lo na grande rede. Já o conceito de publicar no sentido de fazer parte de um periódico acadêmico, tem sofrido algumas alterações com a disponibilização de novas ferramentas.

Uma das alterações no processo de divulgação de obras científicas está ligada à importância relativa das publicações. Em cada país, há critérios para o estabelecimento de um sistema de classificação, associado ou não a um *ranking*, de maneira a indicar à comunidade científica quais são os periódicos de maior relevância. Os efeitos de uma melhor classificação estão associados a uma maior procura, ou acesso via rede, tanto de leitores como de autores, cujo volume pode concorrer para o aumento da qualidade gerando um ciclo virtuoso. Como as formas de submissão de trabalhos também são baseadas na internet, há uma substancial redução de custos, tanto do autor como da publicação, o que facilita a criação de novas publicações e a segmentação das já existentes na medida em que seu porte justifica a divisão.

O processo de análise de trabalhos também foi alterado, o corpo editorial dos periódicos não mais necessita se reunir fisicamente para efetiva troca de informações, reduzindo a concentração de editores e avaliadores em uma única instituição, a endogenia. A avaliação, sempre estruturada segundo critérios claros e objetivos, pode contar com avaliadores externos em função do volume de submissões, o que torna o processo potencialmente mais isento. Mecanismos de *double blind review*, em que dois avaliadores analisam um trabalho cuja autoria não lhes é revelada, são adotados para evitar paternalismos e parcialidade.

Entretanto, é freqüente encontrar veículos com recorrência de temas e autores, apesar da diversidade que sua linha editorial se propõe a abranger. A homogeneidade do discurso e endogenia de tais publicações em torno da chamada *mainstream* nos remetem ao comentário de Burrell (1988) sobre a visão de Foucault e Nietzsche a respeito desse tipo de objetividade: "*the claim of objectivity masks subjective motivations*".

Tal sistema de publicações apresenta-se como um *panopticon* acadêmico em razão de alguns elementos. O primeiro está relacionado à básica definição de Bentham, ou seja, à capacidade do sistema de observar todas as pessoas envolvidas, o tempo todo. De fato, o sistema de publicações como um todo tem acesso à obra de cada pesquisador na íntegra; se o autor opta por utilizar outro meio de divulgação de suas pesquisas, isso acarreta na limitada divulgação de pesquisas na sua comunidade e na provável saída do pesquisador do sistema. Pode-se argumentar que se um adolescente torna pública sua festa de aniversário na internet via programas de socialização, um pesquisador também poderia fazer o mesmo com os seus achados, sem depender do sistema. No entanto, fora do sistema não há credibilidade.

O pesquisador, por sua vez, não sabe quando, como, e por quem alguma de suas obras está sendo analisada, apenas está ciente que potencialmente isso pode ocorrer a qualquer momento. Como consequência, age sempre como se estivesse sendo observado através de suas publicações ou de outras informações públicas. Em adição, ao observador é garantido o anonimato, no mecanismo de *blind review*, por exemplo, o pesquisador desconhece seu avaliador e é desconhecido por ele, até mesmo no caso de uma submissão de trabalho, em que uma interação entre ambos é necessária, uma vez que críticas e sugestões decorrem do processo.

Essas duas condições: o observador ver a todos sem ser visto e o observado saber que está sendo monitorado e alterar seu comportamento em função disso, já que desconhece de que forma, quando e por quem é visto, caracterizam a essência da proposição de *panopticon* acadêmico. Sugerimos ainda acrescentar a esse construto duas dimensões: a onisciência e o não-confinamento.

A onisciência é garantida pelo armazenamento e tratamento das informações. A primeira condição, a observação plena e constante, precisa ser aliada à capacidade de resgatar e tratar as informações, transformando-as em conhecimento útil ao sistema. Mecanismos de busca de dados aprimorados pela *web 2.0* tornaram o acesso às informações muito simples. Alertas e controles também foram disponibilizados tornando a observação passiva, basta um comando em um programa de baixo custo, gratuito, para que o observador seja informado cada vez que determinado autor, tema, ou abordagem esteja presente em uma obra submetida ao sistema.

Como o volume dessas informações, mesmo sumarizadas, pode ser elevado, a sua distribuição se torna relevante. Giddens (1981) já alertava que o monitoramento não se resume à supervisão, seja ela visual ou de outra forma, mas também à coleta, organização e distribuição de informações. Tais ferramentas igualmente já estão disponíveis, a sumarização e tratamento global das informações permitem análises de tendências, desvios e alterações de padrão de qualquer ordem aos detentores do sistema. Portanto, tal condição também é atendida.

No *panopticon* acadêmico o não-confinamento é a principal dimensão que se diferencia do conceito original, pois no *panopticon* de Bentham a presença física era compulsória, seja hospital, prisão, escola ou empresa, e eram necessários mecanismos coercitivos para manter as pessoas circunscritas à área de controle. A força bruta e o poder de polícia inicialmente exercidos passaram a ser substituídos de forma paulatina por meios mais sutis: em uma escola, por exemplo, com a ameaça de expulsão do aluno. Ou seja, deixar de fazer parte do grupo era a maior punição, pois privava o punido de atingir seu objetivo. O portão, dessa forma, poderia permanecer aberto.

O não-confinamento de caráter físico passa a ser possível atualmente na medida em que há outros laços ou motivações que forçam o dominado a permanecer no sistema que o controla. No sistema acadêmico de publicações o confinamento torna-se desnecessário, já que o pesquisador não pode se ausentar desse sistema sem ser, de alguma forma, punido. Um pesquisador sem publicações não é bem visto por seus pares, deixa de obter recursos para a manutenção de sua pesquisa, e, no longo prazo, não é mantido por sua instituição. Em paralelo, tornam-se escassos os convites para palestras, participação em bancas de avaliação, entre outras atividades acadêmicas. Serviços extra-academia como consultorias a empresas públicas e privadas são igualmente prejudicadas sem esse aval. Esse portão também pode ficar aberto, ninguém pode sair.

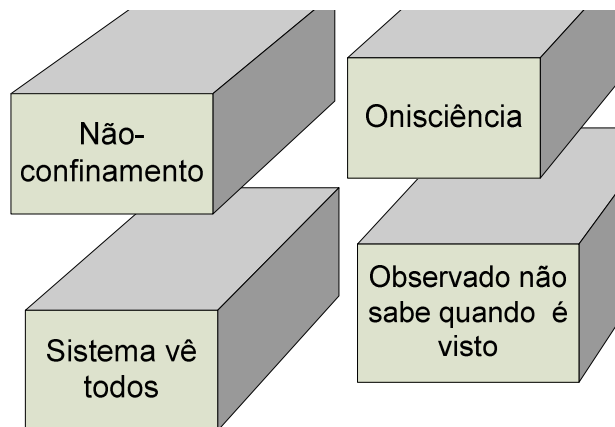


Figura 2 Dimensões do *Panopticon* acadêmico
Fonte: Autores

Como conceito derivado, o *panopticon* acadêmico é passível das mesmas críticas dirigidas por Bauman (1999a; 1999b) ao *panopticon* original, para justificar o declínio do *panopticon* na sociedade moderna e a sua suplementação pelo *synopticon*. No ambiente acadêmico esse argumento é de limitada aplicação porque não existe forma simples de identificar o controlador, ele não se confunde com o editor da publicação porque há um corpo editorial e de avaliadores *ad hoc*, não uma pessoa. O veículo em si não se configura como uma pessoa jurídica, capaz de ser responsabilizada, nem pode ser confundida com o sistema de publicações, que é mais amplo. O *synopticon* como estrutura pode aplicar-se a pessoas no corpo acadêmico que agem de maneira incorreta, aética ou ilegal, mas não ao sistema de publicações.

A que ou a quem serviria um *panopticon* acadêmico pode ser investigado com o objetivo de entender como esse mecanismo pode ser potencialmente utilizado. Estudos bibliométricos podem auxiliar a indicar possíveis desvios, como a endogenia. Como exemplo, pode-se citar o trabalho de Acedo, Barroso e Galan (2006), que desenvolveram um estudo bibliométrico utilizando método da co-citação envolvendo as principais obras sobre uma teoria do ramo da estratégia empresarial denominada genericamente de teoria baseada em recursos (RBT- Resource Based Theory). Um dos objetivos do trabalho, a identificação das principais tendências dessas teorias, confirmou a existência de três linhas principais: a baseada em recursos (RBV - *Resource Based View*), a baseada em conhecimento (KBV - *Knowledge Based View*) e uma visão relacional (RV - *Relational View*). Nesse estudo constata-se que as três linhas apresentam representatividade em periódicos considerados importantes pela comunidade científica, ou seja, não há aparente favorecimento de editores para divulgação de um tipo de abordagem em detrimento de outra. Porém, isso não comprova que o mesmo espaço não possa estar sendo negado a uma eventual teoria que conflite com os modelos atualmente aceitos.

Em 2008, dois autores brasileiros abordaram de forma complementar visões sobre a crescente preocupação de instituições de ensino superior (IES) em obter níveis de publicação cada vez maiores e sua influência no corpo docente e discente dessas instituições. Ambos alertam para o acentuado crescimento do número de cursos e publicações em administração no Brasil e comentam alguns efeitos do índice de publicações sobre o comportamento das IES: massificação da produção científica e dualidade qualidade e quantidade.

Um autor, Pedro Lincoln C. L. de Mattos (2008), aborda aspectos relacionados à relevância na produção acadêmica e considera que o sistema faz com que as IES gerem nos pesquisadores pressão por publicações dentro de limites “praticáveis”. Sua defesa ao sistema vigente se pauta em três critérios: julgamento de pares, convergência em um *ranking*, e nivelamento da diversidade dos programas. Na sua visão, a qualidade formal e relevância não são critérios incompatíveis e podem orientar a pesquisa no Brasil.

Outro autor, Alexandre Reis Rosa (2008), traça um quadro um pouco distinto, pois considera que há ainda espaço para a discussão sobre a existência ou não de indicadores de produção acadêmica, principal forma de mensuração de publicações de pesquisadores no Brasil. A objetividade do sistema ao atribuir níveis a eventos e publicações, segundo esse autor, ancora-se na neutralidade dos números e não considera que pessoas com interesses sociais e políticos possam influenciar os resultados. O resultado desse quadro é um mecanismo de controle que visa normalizar programas e pesquisadores à atual política de produção científica instalada no país. A figura 3 ilustra formas de controle exercidas com o objetivo de induzir a aderência à ciência considerada como normal.

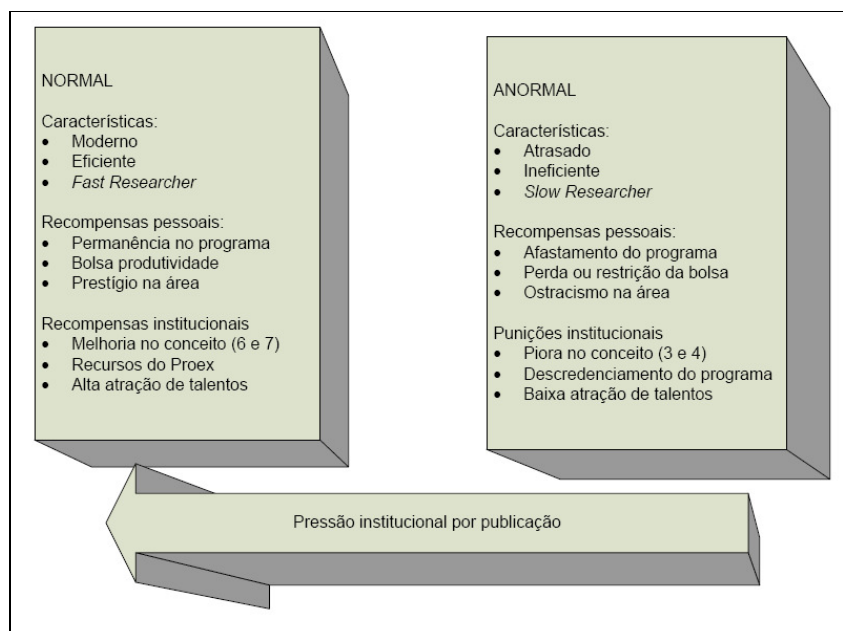


Figura 3: O papel da pressão institucional como indutor da normalidade
Fonte: Rosa (2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse ensaio foi motivado pela discussão latente na academia em administração sobre o sistema de produção, divulgação e controle do conhecimento. Trata-se de um objeto bastante amplo e de difícil delimitação que decorre de uma discussão fundamental: a multiplicidade de paradigmas buscando espaço e formas de representatividade textual em publicações. Aqui não se pretendeu abordar diretamente as questões de conteúdo

paradigmático, ou questionar o mérito e formação política do *mainstream*, mas explorar – de forma metafórica – aspectos relativos à condição de publicar ciência no campo da administração. O construto *panopticon* foi atualizado na sociedade ocidental contemporânea, especificamente no ambiente acadêmico. Por meio das similaridades, complementaridades e divergências em relação ao construto original, a proposição de um *panopticon* acadêmico permitiu a reflexão crítica sobre a práxis acadêmica de publicação do conhecimento.

Tal construto é formado por quatro dimensões, duas advindas do conceito original: a capacidade do sistema de ver todos sem o observado ter ciência de quando está sendo efetivamente monitorado; e o observado alterar seu comportamento em função desse controle. E duas disponibilizadas por ferramental tecnológico recente: o não-confinamento e a onisciência.

A característica de não-confinamento substitui no sistema acadêmico de publicações o controle físico e compulsório da presença que marca o *panopticon* original. O portão pode permanecer aberto uma vez que o controle é internalizado pelo pesquisador que conhece as conseqüências do afastamento.

A onisciência caracteriza que qualquer autor pode ser visto e controlado pelo sistema ininterruptamente, o que lhe confere uma convicção de estar sendo monitorado, estado que em grande parte concorre para a estabilidade desse tipo de poder. Essa estrutura onisciente veda mecanismos naturais de escape, pois de forma exaustiva cobre possíveis formas alternativas de divulgação de trabalhos científicos.

Além das características associadas ao *panopticon*, o sistema de publicação apresenta também traços do *post-panopticism* preconizado por autores como Bauman (1999b.). São eles a substituição da necessidade de punição pela sedução e do monitoramento pelo auto-monitoramento. O pesquisador, além de internalizar as imposições do sistema, é seduzido pela crença compartilhada de competição e de *status* das publicações que pode elevar a necessidade de trabalho a níveis patológicos.

Uma das formas de escape é a formação de grupos não-alinhados, o que representa sair da ciência considerada normal, como definido por Rosa (2008). No entanto, o impedimento dessa alternativa é consubstanciado pelos próprios autores, o que Mattos (2008) chamou de julgamento de pares, que além de gerar esse impedimento concorre para tornar difusa a figura de um dominador. Visto de outra forma, no sistema de publicações, o trabalho e algumas decisões se tornam distribuídos, mas isso é suficiente para se afirmar que o controle é não centralizado e não basta para garantir a ausência de um agente ou grupo controlador.

Outra forma de rever a estrutura desses sistemas consiste no questionamento do uso exclusivo de indicadores tradicionais para avaliar a pesquisa científica. Kobashi e Santos (2006) desenvolveram um estudo buscando alternativas teóricas e metodológicas para mapear de forma confiável a pesquisa científica. Ao invés da utilização dos indicadores gerados a partir de bases referenciais (indicadores de produção, de citação e os indicadores de cooperação), esses autores sugerem o uso de cartografias dinâmicas com o objetivo de oferecer uma visão global do conjunto de informações, além de evidenciar relações estruturais, o que índices isoladamente não permitem. A universalização de índices historicamente utilizados nas ciências biológicas e exatas é outro ponto observado, já que as ciências sociais aplicadas, ao herdar sem questionamento tais metodologias, podem estar deixando de desenvolver meios de mensuração e avaliação mais adequados às suas peculiaridades.

Outro aspecto abordado por esses autores é o possível viés de cobertura que pode ocorrer quando os índices de impacto clássicos deixam de considerar alguns grupos de publicações. O *Social Sciences Citation Index* (SSCI), por exemplo, não indexa periódicos bem conceituados na Europa pela não adoção do idioma inglês. Leung (2007) descreve alguns efeitos da hegemonia de publicações ocidentais com altos índices de impacto na Ásia, dentre os quais destaca a improbabilidade de desenvolvimento de novas teorias por seus pares e, principalmente, o abandono de abordagens que destoam culturalmente do que é conhecido ou de interesse do *mainstream* ocidental. Argumento que igualmente reforça a relevância de estudos para desenvolver novas metodologias de avaliação de produção científica está associado ao efeito que é gerado nas IES.

Inspirado por uma metáfora teórica, esse ensaio caracteriza-se como uma reflexão crítica sobre um dos aspectos do sistema acadêmico. A presença dos *construtos panopticon e post-panopticon* em várias esferas da sociedade contemporânea tem sido discutida na literatura, o que permite ampliar o debate aqui proposto para outros aspectos do sistema de produtividade acadêmica.

Cabe à academia fazer a sua escolha: “Vive la résistance” ou “*resistance is futile*”. Sartre (1944) afirmou que os franceses nunca foram mais livres do que durante a ocupação alemã na Segunda Grande Guerra, pois diante da opressão, “cada pensamento justo era uma conquista”, e a Resistência, uma democracia verdadeira. Já a frase “*Resistance is futile*” do andróide Data (personagem do filme *Star Trek: First Contact*, 1996, dos escritores Rick Berman, Brannon Braga e Ronald Moore), mimetizada na nossa cultura, parece melhor representar o comportamento de autores, dóceis e conformados com o *status quo*.

REFERÊNCIAS

- ACEDO, F. J.; BARROSO, C.; GALAN, J. L. The resource-based theory: dissemination and main trends. **Strategic Management Journal**, v. 27, n. 7, 2006.
- BAUMAN, Z. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Jahar, 1999b.
- BENTHAM, J. **The Panopticon Writings**, ed. and intro. Miran Bozovic, London: Verso, 1995.
- BOGARD, W. **The Simulation of Surveillance**, Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- BOYNE, R. Post-Panopticism. **Economy & Society**, v. 29, Issue 2, p. 285-307, 2000.
- BRIGNALL III, T. The New Panopticon: The Internet Viewed as a Structure of Social Control **Theory & Science**, ISSN: 1527-5558, 2002. Disponível em : <http://theoryandscience.icaap.org/content/vol003.001/brignall.html> >. Acesso em 15 nov. 2008.
- BURRELL, G. Modernism, postmodernism and organizational analysis 2: the contribution of Michael Foucault. **Organization Studies**, v. 9, p. 221-235, 1988.
- CHALUMEAU, J. **La Pensée em France: de Sartre à Foucault**. Paris: Alliance Française, 1974.
- FOUCAULT, M. **Surveiller et punir**. Paris: Gallimard, 1975.

GIDDENS, A. Surveillance and the capitalist state. **A Contemporary Critique of Historical Materialism**, London: Macmillan, p. 169-76, 1981.

KOBASHI, N. Y.; SANTOS, R. N. M. Institucionalização da pesquisa científica o Brasil: cartografia temática e de redes sociais por meio de técnicas bibliométricas. **Transinformação**, v. 18, n. 1, p. 27-36, 2006.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, B. **Reflexões Sobre o Culto Moderno dos Deuses Fe(i)tiches**. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

LEUNG, K. The Glory and tyranny of citation impact: an East Asian perspective. **Academy of Management Journal**, v. 50, n. 3, p. 510-513, 2007.

MARKUS, T. A. **Buildings and Power**, London: Routledge, 1993.

MATHIESEN, T. The viewer society. **Theoretical Criminology**, v. 1, n. 2, p. 215-234, 1997.

MATTOS, P. L. C. L. Nós e os índices – a propósito da pressão institucional por publicação. **Revista de Administração de Empresas**, v. 48, n. 2, p. 144-149, abr/jun, 2008.

MCKINLAY, A.; TAYLOR, P. Through the looking glass: Foucault and the politics of production. In: A. McKinlay and K. Starkey (eds) **Foucault, Management and Organization Theory**, London: Sage, 1998.

ORWELL, G. **Nineteen Eighty-Four**. London: Secker and Warburg, 1949.

ROSA, A. R. Nós e os índices – um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. **Revista de Administração de Empresas**, v. 48, n. 4, p. 108-114, out/dez, 2008.

SARTRE, J. A República do Silêncio - **Les Lettres Françaises**, 09/set/1944. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/sartre/texto09.html>>. Acesso em: 15 abr. 2009.